

PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA NA BELÉM OITOCENTISTA¹

Almir RODRIGUES² (UFPA)
Dra. Germana SALES³ (UFPA/CNPq)

Resumo: O jornal foi um meio de popularização da leitura durante o século XIX, tornando-a mais acessível a uma parcela da população que, fosse pela censura, fosse por outras dificuldades, não tinha possibilidade de acesso a textos muitas vezes destinados a um público seletivo, elitizado. Graças a circulação cotidiana nas páginas dos jornais, esses textos entraram na vida e na rotina das pessoas “comuns”. Diante desse contexto, esta pesquisa tem a finalidade de mostrar que na segunda metade do século XIX houve uma intensa circulação de textos em prosa de ficção portuguesa. Tal corpus, que compreende textos publicados entre os anos 1850-1900, é referência no sentido de recuperar uma história de vida cultural a partir desse período, fato que oportuniza propor a criação de uma cartografia literária dos textos lusos na Belém oitocentista, considerando as relações da Literatura Brasileira e Portuguesa. Para tanto, apresenta-se o referencial teórico que dará sustentação a este estudo, a saber: História da Literatura Portuguesa (LOPES & SARAIVA, 2001); História da Imprensa no Brasil (BARBOSA, 2007; LUSTOSA, 2003; SODRÉ, 1983); História do Pará (MONTEIRO, 2006; ROQUE, 2001; SALLES, 1992); História do Romance-Folhetim: (CANDIDO, 2006; TINHORÃO, 1994; MEYER, 1992; SERRA, 1997; NADAF, 2002; HOHLFELDT, 1998; BARBOSA, 2007; SALES, 2005). Metodologicamente o presente estudo consiste em pesquisa bibliográfica e investigação de fontes documentais históricas disponíveis nos acervos da cidade de Belém do Pará e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Optou-se pela pesquisa bibliográfica e pesquisa documental que se complementam ao se tornarem fontes seguras a respeito das informações apresentadas nesta pesquisa.

Palavras-chave: Prosa de ficção portuguesa. Jornais paraenses. Século XIX.

INTRODUÇÃO

A ideia de publicar textos em jornais circulou na Província do Grão-Pará na segunda metade do século XIX. Os periódicos paraenses tomaram como

¹ Este ensaio trata-se de uma pesquisa em nível de doutorado que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará orientada pela Professora Doutora Germana Maria Araújo Sales. O citado projeto está em fase inicial de desenvolvimento. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, este estudo poderá, se necessário, sofrer mudanças para que se possa atingir o seu objetivo geral: compor uma Cartografia Literária dos textos em prosa de ficção de autoria portuguesa, publicados em periódicos paraenses no período de 1850-1900. Este estudo pretende, com maior brevidade possível, apresentar dados que contenham mais informações a respeito da relação luso-brasileira na Amazônia, na perspectiva da cultura letrada

² Almir RODRIGUES. Universidade Federal do Pará (UFPA).

³ Germana SALES. Universidade Federal do Pará (UFPA).

modelo o modismo francês e por meio das colunas literárias denominadas *Folhetim*, *Miscellanea*, *Variedades e Litteratura* publicaram textos em prosa de ficção, como por exemplo, crônicas, contos, novelas, romances. Dentre as inúmeras publicações catalogadas nos periódicos paraenses como *A Província do Pará*, *O Diário do Gram Pará*, *Diário de Belém*, *Jornal do Pará*, *Gazeta Oficial*, circulou um *corpus* cuja autoria pertence aos portugueses, fato que confirma que a relação Brasil e Portugal não se deu somente nos planos político e econômico da colonização portuguesa em nossa terra, mas também nos planos cultural, literário e letrado.

Para mostrar essa relação luso-brasileira nos Oitocentos, dividimos este trabalho em duas partes. A primeira recupera a história da imprensa no Pará que no século XIX serviu de espaço físico para a circulação de textos literários europeus. A segunda mostra como ocorreu a circulação da prosa de ficção portuguesa na Belém Oitocentista e aponta dados que confirmam a relação luso-brasileira na Amazônia.

Assim, este trabalho objetiva mostrar que na segunda metade do século XIX houve uma intensa circulação de textos em prosa de ficção portuguesa e que esse *corpus* é referência no sentido de recuperar uma história de vida cultural e letrada na Província do Grão-Pará.

2- A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO PARÁ

O nascimento da imprensa paraense ocorreu na primeira metade do século XIX, período de muitas lutas políticas e seguiram os mesmos passos da implantação da imprensa no Brasil, pois a massa popular que constituía Belém começou a exigir a sua participação na política e reforma social, tão quanto estava ocorrendo no século XIX.

De acordo com os relatos historiográficos de Carlos Rocque e Benedito Monteiro, em 1820, Felipe Alberto Patroni, paraense que cursava Direito na Universidade de Coimbra, retornou ao Brasil, cheio de entusiasmo, para implantar os ideais liberais referentes ao movimento que tentava constitucionalizar Portugal.

Sobre esse movimento, a História nos informa que ele surgiu em decorrência do fracasso das tropas napoleônicas na invasão de Portugal e o domínio da Inglaterra sobre os Portugueses.

Além da submissão ao governo inglês, o povo luso em decorrência da guerra

francesa havia ficado mais pobre e o seu comércio fora prejudicado pela abertura de portos brasileiros a todas as nações. Esses fatores geraram um sentimento de revolta nos portugueses que acabou levando-os à eclosão da revolução do Porto, em 1820, espalhando-se, subitamente, pelo restante do país. No Brasil, a influência dessa manifestação resultou na Proclamação da Independência, em sete de setembro de 1822.

A luta de Patroni pelo movimento constitucionalista a favor do Grão-Pará e, ao mesmo tempo, visando a autonomia do Brasil foi frustrada, pois suas reivindicações diante da Corte foram ignoradas. Isso o levou a encontrar um meio de denunciar o parasitismo militar, a violência e o arbítrio do governo local.

Patroni junto a Domingos Simão da Cunha, José Batista Silva e Daniel Garção Melo, idealistas que também lutavam contra os desmandos da coroa portuguesa, compraram, em Portugal, uma tipografia completa que foi instalada em Belém com o principal objetivo de lançar um jornal que criticasse a administração política do sistema dominante na Região, almejando a separação do Brasil de Portugal. Surgiu, assim, o primeiro jornal, na Amazônia, intitulado *O Paraense*, que externava a realidade em que vivia submetida à população do Pará. Esse fato contribuiria com a possibilidade dos paraenses reconstruírem a História do Pará, desenvolvendo uma política que atendessem aos anseios da população.

Por meio desse jornal foram propagadas críticas severas em relação à política dominante dos portugueses na Amazônia, divulgando e denunciando as reações violentas vindas dos representantes da Coroa que possuíam o domínio político e econômico da região, principalmente pelo fato dos cargos públicos, no que se refere aos postos e empregos, serem designados e ocupados pelos lusos, que nada desenvolviam no sentido de beneficiar o povo nativo. Efetivamente, a imprensa fazia denúncias aos atos administrativos e paralelamente a divulgação dos ideais de liberdades vindos da Europa, pois os primeiros idealistas que conspiravam pela liberdade na região, já conheciam muito bem a força e o poder da palavra por meio da imprensa e tornaram-se os pioneiros nesse processo de informação, denúncia e expressão ideológica.

Nesse sentido podemos afirmar que, a imprensa no Pará aparecera como meio de expressão dos ideais liberais em favor dos nativos, propagando a libertação política da região e abriu espaço, posteriormente, para a intensificação das lutas políticas na

Amazônia.

O primeiro número (I) do *Paraense* data-se de uma quarta-feira, de 22 de maio de 1822 e como manchete principal o seu editor publicava a *Lei da Liberdade de Imprensa*. Esse jornal era composto de cinco páginas, cuja estrutura ultrapassava uma divisão em duas colunas. No seu corpo encontravam-se como manchetes notícias nacionais, artigos que apresentavam as bases da Constituição, ordens expressas diretamente da Corte, reflexões sobre o estado do Pará, relatando inclusive as submissões vividas pelo povo nativo da região, divulgação dos preços de gêneros vendidos no país, como por exemplo, o cacau, algodão ensacado, farinha d'agoa⁴, piraucu, cravo, dentre outros produtos, além de apresentar, na última página, um caderno de suplemento de notícias.

Na parte superior desse jornal, na primeira página, encontravam-se informações referentes à data, número da edição e o título do jornal, em caixa alta.

O conteúdo apresentava uma linguagem que, de forma direta, denunciava e atingia aqueles que dominavam a Província, além de externar as opressões pelas quais passavam o povo paraense, conforme observamos no fragmento a seguir:

Tempos luctuosos tempos de desolação. Afastai-vos d'huma vez das doces, e deliciosas Campinas, que regão as agoas do guajará, e amazonas. O dia, que tanto [...] ansioso, o Nobre povo paraense, hum povo digno certamente da maior ventura, chegou em fim despontando a brilhante aurora de onze de Marco.

Males de toda a natureza oppri mindo-nos consideravelmente, adormentarão nosso briop; e as virtudes patriótica, que fazem o caracter nativo dos habitantes do Monarca dos Rios, servirão de ludibrio ás circunstancias, filhas da feita de garantia, que se deo aos nossos direitos.⁵

Em 1823, menos de um ano, o primeiro jornal impresso na Região alcançara ao seu objetivo: incomodar a administração portuguesa. No entanto, as conseqüências surgiram sob a forma de pressão e repressão militar, fazendo com que *O Paraense* saísse de circulação e com base nas informações contidas no acervo geral do setor de Microfilmagens da Biblioteca Arthur Viana, afirmamos que o seu reaparecimento no estado paraense ocorreu em 1842 e foi até o ano de 1844. Essa pressão lusa deu origem a implantação do segundo jornal impresso no Pará *O Luso paraense* que se contrapôs aos ideais expressos pelo seu sucessor, defendendo os interesses administrativos da

⁴ No século XIX a expressão farinha d'água era grafada d'agoa, conforme registrou o jornal.

⁵ Fragmento extraído do primeiro jornal impresso no Pará, intitulado *O Paraense*, nº I, datado de 22 de abril de 1822.

colônia, sob o comando da coroa portuguesa.

Esses dois jornais, no Pará, abriram caminho para a efetivação da imprensa na região, iniciada no momento em que ocorria a transição do Brasil de Colônia para Império. Assim, podemos dizer que eles, além de serem importantes no processo de desenvolvimento e democratização da leitura, são também fontes históricas que auxiliam na compreensão e reconstrução da História política, econômica e cultural da Província do Grão-Pará, no período imperial, como afirmam as palavras de Benedito Monteiro:

A imprensa sempre teve papel fundamental na vida política da sociedade paraense. Centenas de jornais circulam em Belém, como órgãos de partidos políticos, associações literárias e congregações religiosas. (MONTEIRO, Benedito. *História do Pará*. Belém: Editora Amazônia, 2006, p. 153).

A imprensa que circulou em Belém, na segunda metade do século XIX, foi importante por ter exercido, diretamente, influência na vida do povo belenense. Além de ser polêmica, estava sempre dividida em dois grupos: aqueles que se contrapunham as facções políticas que representavam a estrutura dominante da época ou aqueles que defendiam a forma administrativa da coroa portuguesa e seus respectivos interesses ligados sempre a Portugal.

Assim, surgiram inúmeros jornais que circularam em Belém e na Amazônia, na época do Império: *O Independente* (1823), *O Verdadeiro independente* (1824), *A Voz das Amazonas* (1827), *Telégrafo Paraense* (1828), *O Sagitário* (1829), *O Correio do Amazonas* (1831), *Orpheo Paraense* (1831), *O Publicador Amazonense* (1832), *O Paraguassú* (1832), *A Opinião* (1831), *O Despertador* (1832), *Correio Oficial Paraense* (1834), *Sentinela Paraense na Guarita do Pará* (1834), *Paquete do Governo* (1835), *Publicador Oficial Paraense* (1835), *O Brado do Amazonas* (1844), *O Diário do Gram-Pará*, (1853), *Jornal do Amazonas* (1860), *Jornal do Pará* (1862), *Órgão Oficial* (1866), *A Estrela do Norte* (1869), *Diário de Belém* (1868), *A Boa Nova* (1871), *Santo Ofício* (1871), *O Pelicano* (1872), *A Constituição* (1873), *A Regeneração* (1873), *A Província do Pará* (1876), *Diário de Notícias* (1880), *Jornal da Tarde* (1881), *Revista Amazônica* (1883), *O Abolicionista Paraense* (1863).

Esses jornais, fazendo uso do poder da palavra, disputaram acirradamente o domínio pelo poder político na Província e, deixaram contribuição no sentido de servirem como leituras, uma vez que constituíram para a sociedade local, pois era a imprensa que os leitores recorriam não só no sentido de buscar informações como também para o seu deleite com os textos em prosa de ficção veiculados no formato de folhetim: crônicas, contos, prosa literária, romances e novelas.

3- PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA NA BELÉM OITOCENTISTA

O período de 1860 a 1870 foi marcado por inúmeras transformações culturais e sociais, na Província do Grão-Pará. A Amazônia viveu o apogeu da borracha. Esse fato não só influenciou nos modelos de urbanização de Belém, mas também no desenvolvimento cultural e intelectual da Província.

Nessa época, Belém passou por várias mudanças que trouxeram novas possibilidades de leituras e disseminação de conhecimento. Dentre elas assistiu-se a construção de prédios públicos que deu origem a primeira *Biblioteca Pública*. Sobre esse fato, o historiador Ernesto Cruz nos relata que:

Finalmente, no sábado, 25 de Março de 1871, foi instalada e inaugurada a BIBLIOTECA PÚBLICA PROVINCIAL.

O dia era de festa cívica. Depois do cortejo diante das efígies de Suas Majestades reinantes, realizado no Palácio da Residência, no mesmo edifício onde se acha hoje o Palácio do Governo, o dr. Joaquim Pires Machado Portela acompanhado das principais autoridades civis, militares, eclesiásticas, funcionários públicos, e populares, dirigiu-se para a casa onde funcionava o LICEU PARAENSE, lá inaugurando a BIBLIOTECA PÚBLICA. (CRUZ, Ernesto. *A História da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Educação, 1971, pp. 7-8).

Outra forma de reforçar e ampliar ainda mais as leituras da população provinciana foi aparecimento de inúmeros jornais que circularam em Belém, nas décadas de sessenta e setenta do século XIX, juntando-se a outros já existentes. Dentre eles, nomeamos, de acordo com Benedito Monteiro, os mais importantes: *Diário do Gram-Pará*, *Gazeta Oficial*, *13 de Maio*, *Jornal do Pará*, *A Estrela do Norte*, *Diário de Belém*, *O Liberal do Pará*, *Colombo*, *O Futuro*, *Baixo Amazonas*, *A Regeneração*, *A Constituição*, *A Província do Pará*, *A Boa Nova*, *A Luz da Verdade*, *A Lanterna* e *A Aurora*.

Uma nova “onda” de conhecimento invade a província, que nesse período

deslumbra-se com os produtos importados vindos da Europa, em especial da França. Sobre essa influência européia na Amazônia, Sarges afirma:

Belém tentou tornar-se bem mais européia do que amazônica, inclusive tornando-se um verdadeiro centro de consumo de produtos importados Culturalmente, a cidade foi dominada pelo “francesismo” o que se explica pelo hábito que tinham as famílias ricas em mandarem seu filhos aprimorar sua educação em escolas francesas. Essa elite intelectual produzida na Europa vai determinar o novo *décor* urbano, europeizado e aburguesado. (SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle – Époque (1870 – 1912)*. Belém: Paka-Tátu, 2002, p. 186).

Esse ponto de vista apresentado pela historiadora, mostra o quanto o estrangeirismo influenciou no contexto paraense, assim como no restante do Brasil. Isso justifica também o grande número de romances-folhetins, em sua maioria, de autoria francesa, publicados na imprensa de Belém, no período Imperial. Nesse sentido, afirmamos a relevância das letras européias na formação cultural e intelectual do Pará, numa região que nos anos oitocentos encontrava-se em evolução no que se refere à prática de leituras.

Vários são os folhetins cuja autoria pertence aos escritores franceses e que são traduzidos e publicados em jornais paraenses, assinadas por nomes consagrados como Panson du Terrail, (*O pagem de Luiz XVI, A mulher imortal, A segunda mocidade de Henrique IV*), Armand Carrel (*A mãe de Washington*), dentre outros. Sobre essa tradução de folhetins em jornais brasileiros, Antonio Candido afirma que foi incentivo de primeira ordem, além de ter sido a responsável em criar no público o hábito do romance:

Além dos fatores individuais, que resumem geralmente com o nome de vocação, e da influência estrangeira, sempre decisiva, houve por parte do público apreciável solicitação, ou pelo menos receptividade, a influir no aparecimento do romance entre nós. Provam-no a quantidade de traduções e abundante publicação de folhetins seriados nos jornais, não apenas no Rio, mas em todo o país. (CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2006, p. 439).

Contudo, essas publicações não se limitam somente à presença de textos advindos da literatura francesa. Dentre essa variedade de folhetins publicados, inicialmente, nos rodapés dos jornais paraenses, existe um número significativo que possui autoria portuguesa, presente nos jornais oitocentista, fazendo parte da seleção de leituras realizadas pela comunidade do Grão-Pará, conforme demonstram os

primeiros dados deste estudo contidos na tabela abaixo:

Gênero	Autor	Título do texto	Ano	Seção	Jornal	Origem
Novela	Eça de Queirós	<i>O Mandarin</i>	1880	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Romance	Pinheiro Chagas	<i>Tristezas à beira-mar</i>	1880	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Romance	Luiz de Magalhães	<i>A corista</i>	1890	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Romance	M. Jogand	<i>Amores de um assassino</i>	1900	Folhetim	A Província do Pará	Tradução portuguesa
Romance	Camilo Castelo Branco	<i>Os brilhantes de um brasileiro</i>	1871	Folhetim	Diário de Belém	Portugal
Romance	Camilo Castelo Branco	<i>Coisas Espantosas</i>	1863	Folhetim	Diário do Gram-Pará	Portugal
Romance	Camilo Castelo Branco	<i>O bem e o mal</i>	1864	Folhetim	Diário do Gram-Pará	Portugal
Romance	Camilo Castelo Branco	<i>A filha do Doutor Negro</i>	1864	Folhetim	Diário do Gram-Pará	Portugal
Conto	Alexandre Herculano	<i>A sala das Pérolas</i>	1877	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Maria Amália Vaz de Carvalho	<i>A estreia do delegado</i>	1880	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Maria Amália Vaz de Carvalho	<i>A preceptora</i>	1880	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Rebello da Silva	<i>A camisa do noivado</i>	1883	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Alberto Pimentel	<i>Recordações de um matinèe infantil</i>	1892	Folhetim	A Província do Pará	Portugal

Conto	Eça de Queiroz	<i>No moinho</i>	1892	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Leite Bastos	<i>A carta do Brasil</i>	1892	Folhetim	A Província do Pará	Portugal
Conto	Eça de Queiroz	<i>Quatro cartas de amor a Clara</i>	1892	Sciências, Letras e Artes	A Província do Pará	Portugal
Crônica	Pe. Antônio Vieira	<i>Dia de Juízo</i>	1868	Variedades	Jornal do Pará	Portugal
Crônica	Pe. Teodoro de Almeida	<i>Em todas as idades da religião</i>	1868	Variedades	Jornal do Pará	Portugal
Crônica	Teixeira de Vasconcelos	<i>O Beijo</i>	1868	Variedades	Diário de Belém	Portugal
Crônica	Alexandre Herculano	<i>O amor feminino</i>	1869	Variedades	Diário de Belém	Portugal
Crônica	José Victorino da Silva	<i>Quem não gosta de dinheiro</i>	1869	Variedades	Diário de Belém	Portugal
Crônica	Manoel Roussado	<i>Excellencia</i>	1869	Variedades	Jornal do Pará (Folhetim do Diário Popular-Lisboa)	Portugal
Crônica	Pinheiro Chagas	<i>Notícias do céu</i>	1876	Variedades	A Província	Portugal

					do Pará	
Crônica	Pinheiro Chagas	<i>Os Jesuítas hoje</i>	1876	Variedades	A Província do Pará	Portugal

Esses textos eram publicados em seções de jornais denominadas como *Variedade*, *Miscellanea*, *Folhetim* e *Litteratura* e assim como na Europa e no restante do Brasil atraíam o leitor com longas histórias e inúmeras temáticas que envolviam amor, ódio, paixão, traição, religiosidade, ambição, ao aparecem em “picadinhos” na imprensa local.

A exemplo disso, refiro o romance-folhetim “*Os brilhantes do brasileiro*”, de Camilo Castelo Branco, publicado no jornal *Diário de Belém*, a partir de 14 de março de 1871, num espaço intitulado *folhetim*, apresentando uma narrativa que envolve mistério, amor e convenções sociais.

Esse texto, dividido em capítulos, narra a história de Ângela, personagem principal do romance, que durante o desenvolvimento do enredo é pressionada pelo marido Hermenegildo F. Barrosas e pela sociedade portuense a revelar por que e a quem deu em diamantes 1.650 000 réis.

Os diversos folhetins de autoria lusa foram registrados nas páginas dos jornais paraenses, fazendo com que esse meio de comunicação não fosse mais procurado somente para leitura de artigos políticos, mas também pela busca da ficção oitocentista, que havia adquirido espaço junto a imprensa paraense.

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou apreender a relação jornal e literatura que se deu de forma efervescente na Província do Pará na segunda metade do século XIX, especificamente nas décadas de sessenta e setenta, reforçando que o espaço *Folhetim*, *Miscelânea*, *Variedades* e *Litteratura* tornaram-se uma rotina do jornalismo brasileiro, assim como da capital provinciana paraense.

A cidade de Belém, seguindo os mesmos caminhos de outros lugares do Brasil, começou a divulgar nos jornais impressos textos em diversos gêneros, como por exemplo o romance, a novela, o conto, as cartas literárias com o fito de atrair leitores. Foi um sucesso tamanho se considerarmos a capital da província como uma cidade pequena, isolada geograficamente dos grandes centros urbanos e com um número de

escolas ainda pequeno. Essa divulgação contribuiu para que as pessoas na Província do Grão-Pará tivessem acesso à leitura de textos com características literárias.

É nesse contexto que circulou a prosa de ficção portuguesa que contribuiu com o desenvolvimento da leitura ao serem publicadas em páginas de um veículo de comunicação acessível ao “povo”: o jornal. A presença desses textos portugueses nos periódicos paraenses reforça a influência dos lusos na Amazônia não somente nos aspectos sociais e econômicos, mas também na divulgação da cultura letrada na Região, como heranças significativas que, de certa forma, contribuíram para a formação de uma literatura de expressão amazônica.

Neste sentido, reafirmamos importância do jornal na criação de certos gêneros narrativos, como o conto e a crônica, além dos textos consagrados, escritos por autores ilustres, a exemplo do romance, conforme afirma Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007).

Enfim, os textos que percorreram as páginas dos periódicos parouaras contribuíram para que o hábito de ler se tornasse cotidiano na vida de leitores que pertenciam a uma comunidade que não tinha qualquer tradição literária, além de servirem para analisar a relação jornal literatura, adentrar nos estudos sobre a memória do livro e da leitura no Pará e examinar as condições de leitura e escrita na segunda metade do século XIX. É um estudo que pode contribuir com pesquisas sobre a relação Jornal/Literatura no século XIX, pois em certa medida modifica o que se afirmava sobre a Literatura brasileira da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Letras, Beleas-letras, Boas Letras. In BOLOGNINI, Carmen Zink. **História da Literatura: o discurso fundador**. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura (ALB): São Paulo: Fapesp, 2003.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**, Santos/São Paulo: Presença, 1960.
BUENO, L.; SALES, G; Augusti, V. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria. (Org.). **A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro**. 1 ed. Chapecó, SC: Editora Argos, 2013, v. 1, p. 81-98.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOHLFELDT Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900.** Tese de doutorado, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

MAYER, Marlise. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. MONTEIRO, Benedito. **História do Pará.** Belém: Editora Amazônia, 2006.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas – O Folhetim nos jornais de Mato Grosso,** Rio de Janeiro, Sete Letras, 2002.

ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém do Grão-Pará.** Atualização de textos: Antônio José Soares. Belém: DistribeL, 2001.

SALES, Germana Maria Araújo. **Ainda romance: trajetória e consolidação do gênero no Brasil oitocentista.** Floema (UESB), v. 9, p. 73-90, 2012.

_____; NOBRE, I. G. . O Trânsito de romances franceses e portugueses na imprensa paraense. In: HOLANDA, Silvio, PESSOA, Fátima, FERREIRA, Marília, SARMENTO-PANTOJA, Tânia. (Org.). **Amazônia, Culturas, Linguagens.** 1ed.Curitiba: CRV, 2011, v. 1, p. 143-154.

_____; Correspondências literárias: os romances-folhetins em jornais diários do século XIX. In: Carlinda Fragale Pate Nuñez, Germana Maria Araújo Sales, Rauer Ribeiro Rodrigues, Roberto Acízelo de Souza e Socorro Fátima Pacífico Barbosa.. (Org.). **História da literatura: práticas analíticas.** 1ed.Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012, v. 1, p. 25-37.

_____; O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana; DAVID, Sérgio Nazar; FURTADO, Marlí Tereza.. (Org.). **Interpretação do Texto / Leitura do Contexto.** 1 ed.Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, v. 1, p. 203-216.

_____; SILVA, A. V. F. **Os anúncios de livros: circulação e trajetória do romance na sociedade belenense oitocentista.** DLCV (UFPB), v. 7, p. 43-53, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle – Époque (1870 – 1912).** Belém: Paka-Tátu, 2002.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870).** Brasília: Ed. UNB, 1997.

SILVA, Wanessa Regina Paiva da Silva ; SALES, Germana. **O romance em debate: pesquisa em fontes primárias.** 1. ed. Manaus: Editora UEA, 2013. v. 500. 224p .

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1994.